

10

MATO GROSSO

Desbravando o nosso Oeste

**Turismo indígena em
Campo Novo do Parecis,
cachoeiras, cavernas,
rapel, tirolesa e os
impressionantes paredões
da Chapada dos Guimarães
aguardam o visitante**





FOTOS DE MÃRCIA FOLETTO

11
BOA VIAGEM
QUINTA-FEIRA 30.6.2016

CÁSSIA ALMEIDA CAMPO NOVO DO PARECIS
cassia@oglobo.com.br

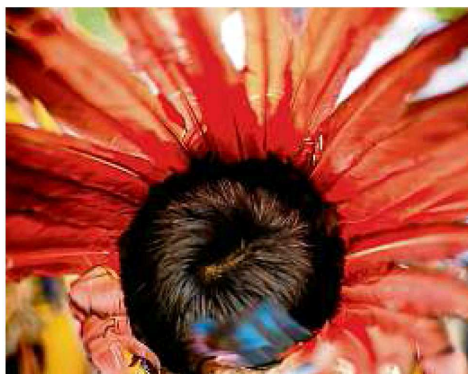
Integração, conhecimento, diversão, cultura, regados a banhos de rio refrescantes. O turismo indígena começa a despontar no Brasil. Em medida normatizada ano passado pela Funai, é possível viver um dia de índio visitando a rotina nas aldeias. Campo Novo do Parecis — cidade a 390 quilômetros de Cuiabá, a capital mato-grossense — é a porta de entrada para conhecer a etnia dos parecis, que está espalhada por 56 aldeias no estado.

Os turistas são recebidos com música e trajes de festa. E conversam com os moradores das aldeias, incrustadas no meio do cerrado, cortadas por rios que correm em direção ao norte, para o Rio Amazonas, e para o sul, ao encontro do Rio Paraguai.

CIRCUITOS PARA BANHO DE CACHOEIRA

Num programa pelo extenso estado, o terceiro maior do país, seguimos pelos caminhos de cachoeiras, com quedas de 90 metros, onde se pode praticar rapel e escorregar por tirolesas. Na volta para Cuiabá, uma parada na imponente Chapada dos Guimarães. A 64 quilômetros da capital, surgem as cavernas com lagoas azuis: o calcário nas pedras dá o tom à água.

O circuito das cachoeiras se abre ainda nos paredões da chapada. As caminhadas são longas, mas a recompensa do banho faz valer a pena desbravar parte do Oeste brasileiro. ●



A caráter. Integrante da aldeia Wazare, que recebe turistas

Queda d'água. Com 98 metros, o salto de Utitariti fica na aldeia de mesmo nome

Cocar. Integrante da aldeia Wazare, da tribo parecis

Sorriso. Banho de rio em águas calmas e frescas

Caverna. Paredões da Kiogo Brado em formação na Chapada dos Guimarães



Convivência na aldeia

Dança, jogos, escola e, em breve, pernoite na 'hátí'

Com música e dança, os turistas são recebidos na aldeia Wazare, primeira parada do roteiro indígena montado em Mato Grosso, um ano depois de a Funai ter fixado as normas para as visitas turísticas. *Dangore dare dore* é o primeiro verso da música que os parecis cantam para os visitantes, que falam da unificação de todos os elementos da natureza e pedem bênção aos bons espíritos para os turistas.

Para desbravar o Oeste brasileiro por Mato Grosso e conhecer mais de perto a cultura de parte dos mais de 800 mil indígenas brasileiros, a viagem é longa. Campo Novo do Parecis, porta de entrada do turismo indígena, fica a quase 400km de Cuiabá, vencendo estradas de razoáveis a ruins. E as aldeias ficam a 60km e 70km

da cidade, em estrada de terra. Não se deve esquecer que este é o terceiro maior estado do país, atrás apenas de Amazonas e Pará. O logo aí para o mato-grossense pode significar três horas de estrada. Depois de horas em ônibus ou carro, deparar-se com uma clareira, rodeadas de *hátis* (as casas dos parecis-halitis), recebidos por indígenas em trajes de festa, cantando e dançando, impressiona.

O cacique Roni Pareci é o líder da aldeia e pioneiro em integrar as duas culturas. Montou há cinco anos a aldeia com cerca de 30 moradores, perto do Rio Verde, onde pescava com o pai. Decidiu criar sua própria aldeia ao não conseguir convencer os avós, pais e tios a receberem turistas. Procurou a Prefeitura, e teve apoio para estabelecer o roteiro. Aos 39 anos e



Na rede. As hátis são feitas de aroeira e folhas de guariroba, sem divisões



formado em Educação, senta-se ao lado dos convidados e conta histórias da tribo, responde às perguntas sobre hábitos, crenças e tradições.

— Queremos acabar com o preconceito, mostrar nossa cultura, preservar a identidade e aproveitar os avanços da tecnologia, na saúde. Queremos integração.

CASAS SEM DIVISÕES

Na escola na aldeia Wazare, as crianças aprendem português e o aruaque, a língua nativa. Todos os professores são indígenas. Três gerações compartilham a mesma *háti*. São amplas casas, sem divisões, onde ficam pais, filhos, netos. As casas têm formato elíptico, com duas portas nas extremidades, uma voltada para o nascente e outra para o poente. São feitas de aroeira e cobertas por folhas de guariroba. Têm todo o conforto, TV, geladeira e carro parado ao lado. Em breve, será possível dormir em uma *háti*, ajudar nas tarefas domésticas. Mas esse tipo de roteiro ainda está sendo formatado.

Cacique. Narciso, da aldeia Quatro Cachoeiras, onde se pode fazer pintura corporal

Hátis. Três gerações podem dividir a mesma casa, onde há TV, geladeira e carro estacionado ao lado

Meninas. Graça e beleza ao lado da *háti* Wazare

Arco e flecha. Demonstração para os visitantes

A dança é a mesma que os nativos apresentam na festa da menina-moça, um rito de passagem, assim que a menina menstrua. Os homens balançam os cocares para elogiar as meninas. As pinturas representam força e sabedoria. Em zigue-zague, espelham-se na tela do palmeiro do brejo, muito duro, significa força. O desenho trançado mostra o início da confecção das cestas:

— Se não for feita desde o início com dedicação, não se consegue chegar ao fim da cesta — explica Evandro Zenazokenae, que fica na cidade parte do tempo, e estuda Enfermagem.

O almoço é servido ao ar livre. Carne de alcatra na brasa, arroz, salada de repolho e tomate, biju e frutas de sobremesa. Visitantes e índios almoçam juntos e continuam nessa convivência por toda a tarde. Assistem ao cabeçal (esporte com as mesmas regras do futebol, mas jogado somente em lances com a cabeça) e a tiros de arco e flecha. Tomam água na nascente, que segundo o cacique Roni, é a água mais pura da região.

Uma breve incursão por dentro do cerrado serve para apresentar plantas medicinais. Mas não espere muita profundidade nesse aprendizado. A beleza dos cocares e colares coloridos em contraste com o verde da floresta hipnotiza e desvia a atenção. Aliás, cocares, colares, arco e flecha e cestas são opções de compra por ali.

PINTURAS CORPORAIS

A próxima tribo do roteiro é a de Quatro Cachoeiras, do Cacique Narciso, o mais antigo da região. São quase cem moradores em uma área maior que a aldeia dos Wazare. Fica a 33km de Campo Novo. Lá, é possível fazer pintura corporal. As crianças fazem os desenhos, mas cuidado, pergunte primeiro qual tinta estão usando. A feita com jenipapo pode demorar a sair da pele. Fica, pelo menos, três dias. Lá, a língua aruaque prevalece. A visita continua até a aldeia Utiriti. As poucas casas são de alvenaria. A recepção é breve e serve apenas para mostrar o caminho para a próxima atração: o salto de Utiriti. ●

Floresta Rios e crianças ao redor

São poucos metros de caminhada até a paisagem se abrir em quedas d'água de diferentes alturas, mas todas muito refrescantes. O turismo indígena sempre termina num banho ao lado dos nativos que têm nos rios e nas cachoeiras o maior parque de lazer para crianças e adultos. Depois que se avança pelas dezenas de quilômetros de estrada de terra, as trilhas são até fáceis. O mais impressionante é o Salto do Utariiti, que fica a poucos metros da aldeia de mesmo nome.

São 98 metros de queda livre no Rio Papagaio. Ao chegar perto da margem, a nuvem d'água forma belíssimos arcos-íris. Quem quiser se aventurar, pode descer de rapel ao lado da forte queda, com cinco metros de descida negativa. A subida de volta, num caminho íngreme, acidentado e escorregadio, provoca mais medo que a própria descida de rapel.

Quem não quiser descer pela corda pendurado, a outra opção é deliciosa. Aproveitar os poços formados pouco antes da queda, onde há ondas de água quente e fria, como uma hidromassagem natural, sob as árvores.



FOTOS DE MÁRCIA FOLETTO

Parque aquático. Salto nas cachoeiras do Rio Sacre

Ver a cachoeira de frente é outra forma de conhecer o Salto do Utariiti. O caminho também é escorregadio, sinuoso e cheio de pedras. Uma chuva constante acompanha o visitante pelo caminho. Leve alguma proteção para máquina fotográfica ou celular, se quiser registrar a paisagem exuberante.

Chegar à aldeia requer uma viagem longa. São 98km para quem parte de Campo Novo do Parecis. Como as distâncias são longas, é melhor evitar conhecer mais de uma aldeia ou cachoeira por dia, para aproveitar melhor o dia no cerrado e não se cansar de

mais. Repelente e filtro solar são indispensáveis nessa viagem. Vacina contra febre amarela também é recomendável. Deve ser tomada dez dias antes da viagem.

FESTA EM COMPLEXO AQUÁTICO

Na aldeia Quatro Cachoeiras, o Rio Sacre forma quatro quedas, uma ao lado da outra. Um complexo aquático que é uma festa para as crianças da aldeia. O pé de menino, galho de árvore que avança para o rio, serve de trampolim para a criançada que enfrenta a correnteza sem medo.

Para os turistas, o melhor é descer um pouco pela trilha e

chegar a pequenos poços para se banhar sem sustos de ser levado pela correnteza.

O mais divertido é brincar com as crianças que aproveitaram os visitantes para pular de um galho para o outro. Floresta, rios e crianças ao redor, difícil encontrar cenário semelhante, sem sinal de celular ou internet.

Na aldeia Wazare, não há quedas, somente margens plácidas para banhos calmos, também juntamente com os índios. Se quiser conhecer melhor o Rio Verde, um pequeno barco a motor leva os turistas para um agradável passeio. ●

Nobres, com águas transparentes, disputa atenções com Bonito, no estado vizinho

Saindo do roteiro indígena, a pouco mais de cem quilômetros de Cuiabá, as cachoeiras ganham outro colorido. Na cidade de Nobres, que os mato-grossenses chamam de a "Mais Bonita", numa referência a Bonito, cidade conhecida pela transparência da água no estado vizinho de Mato Grosso do Sul, a cachoeira Serra Azul tem água da cor do nome e muitos peixes.

Para chegar ao paraíso e nadar ao lado dos cardumes, há que se exercitar um pouco. São 200

degraus para subir num caminho no meio da mata até a queda d'água de 50 metros aparecer no meio da floresta. A queda é forte, não é recomendável ficar debaixo dela, galhos de árvores costumam cair com a água e podem machucar. Para descer, há duas opções: voltar pelos 200 degraus ou deslizar pelo cabo da tirolesa em poucos segundos. Na volta para Cuiabá, a parada é na Chapada dos Guimarães, onde mais cachoeiras esperam os turistas.



Deslizando. Tirolesa que parte da Cachoeira Serra Azul, é a alternativa à descida com 200 degraus

Cavernas e lagoas Trilhas na Chapada dos Guimarães

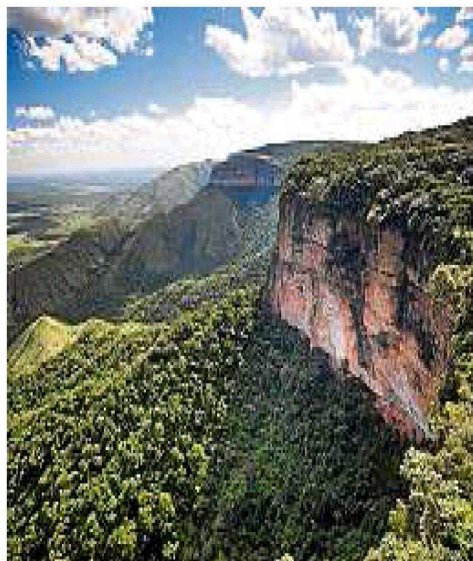
A grandiosidade dos paredões da Chapada dos Guimarães, parque nacional a cerca de 70km de Cuiabá, dá a dimensão do prazer em percorrer as trilhas que levam a cavernas, algumas em formação, e cachoeiras.

A primeira visão ao chegar ao parque, que abre às 8h30m, é a cachoeira Vêu de Noiva. Um fio de água se destaca no vale formado por paredões. Para desbravar o entorno do parque e chegar às cavernas Kiogo Brado e Aroe Jari, é preciso subir num ônibus aberto improvisado sobre um trator que vence o terreno acidentado. O percurso é de uns 45 minutos até chegar ao início das

trilhas que levam às cavernas. A guia Jolenil Martins (Jô) vai indicando as atrações no caminho, como a flor do cerrado. As permeiras são indispensáveis para evitar picadas de cobra e arranhões em pedras e galhos.

A visitação começa na caverna Aroe Jari e na Lagoa Azul, cavernas interligadas, depois de caminhar por uma trilha íngreme e escorregadia. O solo de calcário dá a cor à lagoa. Não deixe para ir muito tarde, a posição do sol é fundamental para ver toda a beleza do lugar.

Mais uma caminhada de 15 a 20 minutos e chegamos a Kiogo Brado. Dois imensos paredões em formação se



Vista. Trilhas levam a cavernas na Chapada dos Guimarães, a 70 quilômetros de Cuiabá

abrem para os visitantes. Leve lanterna potente e caminhe com cuidado. Há buracos no solo formados pelo incessante pingar que podem provocar tombos. Mas o cenário único justifica. Na volta, o presente: o pôr do sol na Chapada fecha o passeio.

Conhecer o circuito das cachoeiras requer mais esforço. São 6km de caminhada (não

esqueça de levar água), em trilha acidentada, mas sem dificuldades. Na cachoeira Andorinhas dá para ficar em pé, com água acima da cintura com a ducha batendo nos ombros. ●

Cássia Almeida e Márcia Foletto viajaram a convite da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso

Serviço Campo Novo do Parecis



Como chegar

ROTEIRO INDÍGENA.

O pacote completo (CNP Turismo) de Cuiabá a Campo Novo do Parecis, custa R\$ 1.390, disponível em CVC, Decolar.com e outras 40 agências pelo país. Inclui transporte às aldeias, hotel em Campo Novo do Parecis, guia e refeições com dois dias de passeios pelas aldeias Wazare, Quatro Cachoeiras e Utariiti. Com saída de C. N. do Parecis, o pacote custa R\$ 745 (terraparecis.com.br/site/cnp-turismo/).